

Sumário

Artigos e Comentários

9 **Entrevista**

Aécio Neves
Eduardo Campos

27 **A “Marcha para o Oeste” e
uma nova perspectiva sobre a
grande estratégia da China**

Zhao Minghao

A grande estratégia chinesa vem passando por mudanças significativas sob a nova liderança central do presidente Xi Jinping. Em resposta a seus próprios desafios de desenvolvimento interno e à evolução do cenário geopolítico internacional, a China parece firmemente decidida a reformular sua postura global de maneira ousada e criativa. O Novo Cinturão Econômico da Rota da Seda, entre outras iniciativas de política externa, recentemente lançadas, demonstram que Pequim vem ampliando o âmbito de sua atuação estratégica e concentrando esforços no “olhar sobre o Oeste” e na “Marcha para o Oeste”. Esta é de importância crucial para a consolidação da posição da China como o maior dos países em desenvolvimento e para promover a cooperação Sul-Sul.

41 **Novos valores para
normas internacionais**

Yan Xuentong

Com o hiato de poderio material entre a China e os Estados Unidos se estreitando em ritmo cada vez mais acelerado, não são poucos os que acreditam que a China venha a superar os Estados Unidos em termos de riqueza material, mas não em termos de valores. Com base nos valores de equidade e justiça, e também no princípio diplomático de uma cooperação vantajosa para ambos os lados colocada por Xi Jinping em 2012, e inspirado nos seculares valores chineses de autoridade humanitária e do “caminho real”, este artigo tenta provar que, com base em “benevolência”, “retidão”, e “rito”, a China não apenas é capaz de transcender os Estados Unidos em termos materiais, como também em termos de valores.

49 **40 anos das relações Brasil-China:
de onde viemos, onde estamos,
para onde vamos**

Francisco Mauro Brasil De Holanda

No dia 15 de agosto, comemoram-se os 40 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a China. Ambos tornaram-se muito mais importantes um para o outro e são cada vez mais chamados a desempenhar papéis ampliados em grandes temas da agenda



SUMÁRIO

internacional. A metodologia utilizada pelo autor neste artigo estabelece dois cortes temporais e investiga, em cada um deles, a interação entre fatores domésticos e externos tidos como determinantes da trajetória das relações Brasil-China. O corte inicial, associado ao estabelecimento das relações, em 1974, parte do pós-Segunda Guerra e estende-se até o final da década de 1980 e início dos anos 1990. O segundo situa-se entre o lançamento do programa espacial sino-brasileiro (CBERS), em 1989, e os dias atuais. Brasil e China têm diante de si a oportunidade de construir uma relação que sirva de referência para outros países em desenvolvimento, na promoção do desenvolvimento social, científico e tecnológico e na construção de uma ordem internacional mais justa e próspera, diz o autor.

63 A China e a África na nova Economia Mundo: possibilidades e aspirações

Tiago Nasser Appel
Armando João Dalla Costa

O artigo mostra como os investimentos das estatais chinesas, juntamente com a política oficial de ajuda, dão aos países do subcontinente africano uma válvula de escape às condições impostas a eles pelo FMI e o Banco Mundial como contrapartida a seus empréstimos oficiais. Os autores destacam que o principal objetivo do artigo não é negar que a China tenha claros interesses estratégicos na África, ou que a ajuda ao desenvolvimento que ela fornece ao continente seja economicamente desinteressada. Eles alegam que os investimentos estratégicos da China na África estão gerando uma clássica situação *win-win*, sobretudo se comparados com o antigo colonialismo europeu. A originalidade chinesa é que os investimentos vêm usualmente acompanhados de empréstimos em condições favoráveis que diminuem a dependência dos países para com as agências tradicionais.

81 O Brasil e a Ásia do Leste – apontamentos para a construção de parcerias sinérgicas

Edmundo Sussumu Fujita

Na Ásia do Leste estão situadas três das quinze maiores economias do mundo: a China (2ª), o Japão (3ª) e a Coreia do Sul (15ª). Apesar serem civilizações milenares, seus atuais processos de desenvolvimento e modernização datam de pouco mais de meio século, tendo como marco de referência inicial a conjuntura internacional emergente após a Segunda Grande Guerra. Trata-se de uma das regiões mais dinâmicas em termos econômicos, tecnológicos e de importância geoestratégica. Os três países ali situados se notabilizam por seu papel axial e irradiador de influência em diversos domínios-chave do sistema internacional: o Japão, por seu desempenho paradigmático como primeiro país não ocidental a alcançar o *status* de potência econômica avançada e um importante centro de inovação tecnológica; a China, como o país de maior massa crítica em afirmação para se tornar um novo polo de poder global; e a Coreia do Sul, como surpreendente exemplo de país que, a despeito das limitações de território, população e recursos naturais, vem conquistando uma crescente posição de ponta no rol das economias comercial e tecnologicamente mais dinâmicas do planeta. O autor analisa as diferentes experiências de parcerias entre o Brasil e os países da Ásia do Leste.





**105 C&T no Brasil e nos EUA:
estado atual e oportunidades
para cooperação em pesquisa**

Carlos Henrique de Brito Cruz

Medindo-se pelo número de pesquisadores, o sistema de pesquisa dos EUA é aproximadamente dez vezes maior do que o brasileiro. Nos EUA, 80% dos pesquisadores trabalham em empresas e apenas 13% em universidades. No Brasil, 64% dos pesquisadores estão em universidades e somente 31% em empresas. Apesar dessas e de outras diferenças entre os dois países, há muitas oportunidades para expandir a cooperação mútua em áreas como bioenergia, petróleo e gás, saúde, espaço e aviação, biodiversidade, recursos naturais, nanotecnologia, agricultura, entre outras.

**125 A questão do poder nacional e o
debate sobre a política externa**

José Humberto de Brito Cruz

Parte considerável do atual debate sobre a política externa brasileira relaciona-se, de forma mais ou menos explícita, a uma discussão sobre qual é o lugar do Brasil no mundo. Quando se fala de uma “ascensão” do Brasil no cenário internacional, está subjacente uma avaliação, ainda que imprecisa, sobre um aumento do poder do país. O desafio, nada fácil, é de uma autoavaliação. Que posição o Brasil pode ocupar? A que grau de participação pode aspirar? Que nível de influência pode, razoavelmente, sem ambições excessivas, exercer? Será o Brasil uma “potência média”? Ou terá o país os predicados necessários para “jogar o jogo dos grandes”, para atuar, por assim dizer, na “primeira divisão”? O artigo procura identificar elementos que ajudem a responder a essas questões.

**151 Acordos Preferenciais de Comércio:
da multiplicação de novas regras
aos mega-acordos comerciais**

Vera Thorstensen
Michelle Rattton Badin
Carolina Müller
Belisa Eleotério

Novo fenômeno surge no sistema internacional – os mega-acordos de comércio, criados pelos EUA, em parceria com a UE e vários países do Pacífico. O grande objetivo desses acordos é o de desenvolver novas regras de comércio e avançar o marco regulatório para o século XXI. Tais iniciativas seriam o resultado da multiplicação de acordos preferenciais de comércio (APCs) que marcaram as últimas duas décadas e de reação ao impasse que cerca a conclusão da Rodada de Doha da OMC, lançada em 2001, ainda inconclusa, apesar do progresso de Bali. O imobilismo do Brasil com relação à multiplicação dos acordos preferenciais e o isolamento do país diante da criação dos mega-acordos preferenciais trarão custos elevados para a sua inserção ao novo contexto do comércio global e das cadeias globais de valor. Mais do que mercados, discutem-se as regras que nortearão o comércio das próximas décadas. É nesse sentido que o Brasil precisa decidir se quer se tornar um *rule maker* ou permanecer eternamente como um *rule taker* no contexto internacional.

**181 Os cinco membros permanentes
e a reforma do Conselho de
Segurança das Nações Unidas:
da oposição à ambiguidade**

Kassius Diniz da Silva Pontes

O artigo examina a evolução histórica e a atual posição dos cinco membros permanentes nas discussões sobre a reforma do CSNU. O autor adota a tese de que, se num momento inicial a resistência dos membros permanentes à reforma era mais explícita (especialmente no início dos anos 1990), hoje prevalece a ambiguidade: apoio retórico à reforma associado à falta de ações tangíveis para fazer o tema avançar no âmbito da Assembleia Geral da ONU. A despeito de crescente déficit de legitimidade, o prestígio do CSNU como *locus* decisório fundamental das Nações Unidas ainda é incontestável. Essa situação oferece aos P-5, ao menos por ora, o conforto suficiente para





SUMÁRIO

bloquear, quando necessário, iniciativas de reforma do CSNU. Seja qual for o resultado futuro das discussões acerca da reforma do CSNU, é improvável que a posição privilegiada dos P-5, consagrada principalmente no direito de veto, seja submetida a qualquer tipo de alteração, ou que futuros membros permanentes tenham essas mesmas prerrogativas.

199 Trágica monotonia no Oriente Médio

Samuel Feldberg

O Oriente Médio está em chamas, mas, ao mesmo tempo, há um sentimento de “mais da mesma coisa”. O atoleiro sírio permanece inalterado, com a família Assad no poder e civis sendo mortos aos milhares e os rebeldes tomando e afrouxando os controles de pedaços grandes do país. Israelenses e palestinos começaram e terminaram uma nova rodada de negociações sem resultados; o programa nuclear iraniano segue em frente em meio a expectativas de uma redução permanente das sanções contra ele. O Egito consolidou o regime militar e os rebeldes sunitas salafistas têm sido ativos e bem-sucedidos na região. Muita coisa está em jogo, mas nada realmente mudou.

Passagens

209 Peter Bell (1940-2014), um indivíduo raro

Fernando Henrique Cardoso

213 Gabriel García Márquez (1927-2014), o diplomata secreto

Eric Nepomuceno

217 Adolfo Suárez (1932-2014), um dos grandes construtores da democracia espanhola

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

221 Eduard Chevardnadze (1928-2014), o chanceler da Glasnost

Ronaldo Mota Sardenberg

225 Renato Ruggiero (1930-2013), o napolitano que primeiro dirigiu a OMC

José Alfredo Graça Lima

O mundo na ficção

227 *O Palácio Francês* (filme)

Bertrand Tavernier

Marcos de Azambuja



Livros

231 *The Short American Century:*

A Postmortem

Andrew J. Bacevich

*That Used to Be US: How America
Fell Behind in the World it Invented
and How We Can Come Back*

Thomas L. Friedman
and Michael Mandelbaum

*When the Money Runs Out:
The End of Western Affluence*

Stephen D. King

*The Next Convergence:
The Future of Economic Growth
in a Multispeed World*

Michael Spence

*The Growth Map: Economic
Opportunity in the BRICs
and Beyond*

Jim O'Neill

*When China Rules the World:
The End of the Western World and
The Birth of a New Global Order*

Martin Jacques
Helga Hoffmann

238 *The End of American World Order*

Amitav Acharya
Oliver Stuenkel

241 *El futuro es un país extraño:
una reflexión sobre la crisis social
de comienzos del siglo XXI*

Josep Fontana i Làzaro
Daniel Afonso da Silva

247 *Política externa e democracia
no Brasil: ensaio de interpretação
histórica*

Dawisson Belém Lopes
Lucas Pereira Rezende

Documentos

251 *Discurso de Doutor Honoris Causa
da Universidade de Tel Aviv*

Fernando Henrique Cardoso



SUMÁRIO

257 Discurso de Doutorado Honorário na Universidade de Haifa

Frederik Willem de Klerk

261 Declaração sobre a República Árabe da Síria no Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas

Paulo Sérgio Pinheiro



Carta dos editores

Como tem feito desde 2002 em todas as campanhas presidenciais, a *Revista* tentou obter este ano dos principais candidatos respostas sobre temas de política externa para dar informação à comunidade interessada nessa área para sua decisão de voto, assim como para registrar historicamente o que cada pretendente à Presidência tem como projeto de governo para o setor.

Ao contrário do que ocorreu em 2010, quando ela foi a primeira entre os candidatos a nos enviar suas respostas, este ano a presidente Dilma Rousseff, que disputa a reeleição, não respondeu. Os dois mais importantes candidatos de oposição, Aécio Neves e Eduardo Campos, sim, e o que eles têm a dizer sobre relações internacionais está nesta edição. Suas respostas foram reproduzidas na íntegra e sem edição, exceto por algumas padronizações.

A importância da China para o Brasil, realçada pela visita de Estado que o presidente Xi Jinping fez ao país em julho, após a cúpula dos BRICS de Fortaleza, é realçada nesta edição com uma série de artigos, que se segue à entrevista com os candidatos presidenciais.

Dois dos mais importantes *scholars* em relações internacionais chineses, Zhao Minghao e Yan Xuetong, escreveram especialmente para a *Revista*. O primeiro, expressivo integrante da nova geração de pensadores das relações internacionais do país, descreve os ajustes na política externa chinesa que o governo do presidente Xi está desenhando para a China. O segundo, um já consagrado pensador desses assuntos, relaciona os valores que norteiam a política externa chinesa com os tradicionais valores da cultura do país.

Em seguida, o diplomata brasileiro Francisco Mauro Brasil De Holanda analisa os 40 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a China, que se comemoram este ano. Como toda relação entre dois grandes países, a de Brasil e China têm seus pontos de atrito, mais ou menos intensos e explícitos, um dos quais é a legítima ambição de ambos de influir na África. Os acadêmicos brasileiros Tiago Nasser Appel e Armando João Dalla Costa tratam de China e África no texto que se segue nesta edição.

O atual embaixador do Brasil na Coreia do Sul, Edmundo Fujita, que foi diretor do Departamento de Ásia e Oceania do Itamaraty, encerra a série de artigos que têm a China como um dos personagens principais, com seu ensaio sobre as relações entre o Brasil e o Leste da Ásia e o que ele aponta ser a tentativa de construção de parcerias sinérgicas com aquela região do mundo.

As relações científicas bilaterais entre Brasil e EUA são o tema do atual diretor científico da Fapesp, Carlos Henrique de Brito Cruz, no artigo seguinte desta edição, no qual o autor mostra as grandes oportunidades que existem para a cooperação entre os dois países nesta área.

O *status* internacional do Brasil e o papel que se pode esperar dele na cena internacional são discutidos no texto que se segue, de autoria do diplomata brasileiro José Humberto de Brito Cruz.

Parte considerável desse papel é desempenhada nas negociações comerciais, tema do artigo de Vera Thorstensen, Michelle Ratton Batin, Carolina Müller e Belisa Eleotério, que tratam especificamente dos novos mega-acordos e suas possíveis consequências para o Brasil.

Outro ponto que sempre entra na pauta quando se discute o *status* do Brasil no mundo é o seu papel na tão debatida reforma do Conselho de Segurança da ONU. O diplomata



brasileiro Kassius Diniz da Silva Pontes enviou à *Revista* interessante artigo sobre como os cinco atuais membros permanentes do Conselho têm reagido à possibilidade de sua reforma, tendo ido da oposição à atual ambiguidade.

O último artigo desta edição, reescrito às vésperas da impressão devido à dramática evolução dos fatos na região durante o mês de julho, é sobre Israel e palestinos na faixa de Gaza, de autoria do integrante do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional do Instituto de Relações Internacionais da USP Samuel Feldberg, a quem os editores especialmente agradecem pela disposição de atualizar o texto em poucos dias e sob a pressão do calor dos acontecimentos.

Na seção “Mundo na Ficção”, Marcos de Azambuja, que foi embaixador do Brasil em Paris, analisa o filme *O palácio francês* (Quai d’Orsay, 2013), de Bertrand Tavernier, uma divertida paródia sobre as atividades do Ministério das Relações Exteriores da França no início do século XXI.

A seção “Resenhas” abre com um ensaio de Helga Hoffmann, membro do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional do IRI-USP, no qual ela comenta seis livros recentemente lançados, todos sobre o aparente declínio dos EUA como potência hegemônica no mundo. E outro livro escrito com o mesmo enfoque é o objeto da resenha seguinte, feita por Oliver Stuenkel, professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo.

O livro “El futuro es un país extraño: una reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI”, de Josep Fontana, é resenhado por Daniel Afonso da Silva, professor da Universidade Estadual da Paraíba. E a seção se encerra com o comentário feito por Lucas Pereira Rezende, da Universidade Federal de Santa Catarina, para o livro “Política Externa e Democracia no Brasil”, de Dawisson Belém Lopes, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Na seção “Passagens”, dois textos, um do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e outro de Abraham Lowenthal, presidente emérito do Pacific Council on International Policy, homenageiam o acadêmico americano Peter Bell, que na condição de representante da Fundação Ford no Brasil nos anos da ditadura militar teve papel fundamental para a manutenção de estudos independentes na área das ciências sociais e humanas no país.

O jornalista, escritor e tradutor Eric Nepomuceno escreve sobre Gabriel García Márquez, de quem traduziu para o português diversos livros, e ressalta o papel que Gabo teve como diplomata não oficial.

O diplomata Luiz Felipe Seixas Corrêa, que foi secretário-geral do Itamaraty, faz o necrológico de Adolfo Suárez, um dos líderes do processo de democratização da Espanha após o regime franquista. E Ronaldo Sardenberg, que foi embaixador do Brasil em Moscou, trata de Eduard Chevardnadze, que foi o ministro das relações exteriores da União Soviética durante a glasnost de Mikhail Gorbachev. A seção “Passagens” se encerra com o texto do diplomata brasileiro José Alfredo Graça Lima sobre Renato Ruggiero, primeiro diretor-geral da Organização Mundial do Comércio.

Finalmente, em “Documentos”, dois discursos de homenageados com doutorados *honoris causa*, Fernando Henrique Cardoso na Universidade de Tel Aviv e o ex-presidente sul-africano Frederik Willem de Klerk na Universidade de Haifa, e a declaração de Paulo Sérgio Pinheiro, presidente da Comissão Internacional Independente de Inquérito sobre a República Árabe da Síria no Conselho de Direitos Humanos da ONU.

Os editores